



2026

V.19

História da Historiografia

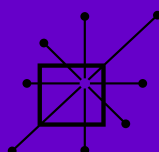
International Journal of Theory
and History of Historiography



ISSN 1983-9928



FAPEMIG



Sociedade Brasileira
de Teoria e História da
Historiografia



UNIRIO



UFOP



Artigo de Revisão

AR

As fontes, a historiografia e o ativismo gay: mitos
problemas e sinais





As fontes, a historiografia e o ativismo gay: mitos, problemas e sinais

Sources, historiography, and gay activism: myths, problems, and signals

Rita de Cassia Colaço-Rodrigues

ritacolacobr@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0003-2784-3342> 

Museu Bajubá, Rio de Janeiro, RJ, Brasil



Resumo

A historiografia sobre o Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) se baseia na ideia de mito fundador; negligencia o processo histórico e o desafio de superação do estigma. Este artigo traz a segunda parte da pesquisa publicada em 2023 (Colaço-Rodrigues, 2023). Procede à revisão do debate sobre a imprensa gay artesanal — travado inclusive em edições do jornal *Lampião da Esquina* — e examina periódicos **gays** artesanais nacionais e industriais internacionais. Retoma e aprofunda a compreensão de MacRae de que tais veículos constituem ações políticas embrionárias (1990, p. 67) e refuta sua outra afirmação, que se consolidou, de que esses veículos “se limitavam à bem-humorada paródia” (MacRae, *op.cit.*, p. 96). Apoia-se na compreensão de que a categoria movimento social abrange todas as suas fases, inclusive a embrionária (Gohn, 2008, p. 260). Com o paradigma indiciário (Ginzburg, 2003), demonstra, em detalhes, que esses jornais pioneiros participaram efetivamente da construção da consciência política dos homossexuais, integrando, assim, o MHB.

Palavras-chave

Imprensa artesanal gay; Movimento Homossexual Brasileiro; historiografia

Abstract

The historiography of the Brazilian Homosexual Movement (MHB) is based on the idea of a founding myth; it neglects the historical process and the challenge of overcoming stigma. This article presents the second part of the research published in 2023 (Colaço-Rodrigues, 2023). It proceeds to a review of the debate concerning the gay grassroots press — a debate carried out, among other venues, within the editions of the newspaper *Lampião da Esquina* — and examines national gay grassroots periodicals alongside international industrial ones. It takes up and deepens MacRae’s understanding that such vehicles constitute embryonic political actions (1990, p. 67) and refutes his other statement, which has become established, that these vehicles “were limited to good-humored parody” (MacRae, *op. cit.*, p. 96). It is supported by the understanding that the category of “social movement” encompasses all its phases, including the embryonic one (Gohn, 2008, p. 260). Using the evidential paradigm (Ginzburg, 2003), it demonstrates, in detail, that these pioneering newspapers effectively participated in the construction of homosexuals’ political consciousness, thus forming an integral part of the MHB.

Keywords

gay grassroots press; Brazilian Homosexual Movement; historiography.



Introdução

Parafraseando Thompson (2004, p. 9), o movimento homossexual, como a classe operária, não surgiu tal como o sol, numa hora determinada.

Este artigo traz a parte final de pesquisa iniciada em 2018. Da primeira parte, publicada em Colaço-Rodrigues (2023), sugiro a leitura. Ali discuto as dificuldades inerentes à categoria movimento social e demonstro como se deu a divulgação e a incorporação do mito fundador do Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) e da noção de que a imprensa gay artesanal brasileira¹, à exceção de *Snob* e *Gente Gay*, apenas conteria paródias e fofocas. Utilizando o paradigma indiciário (Ginzburg, 2003), aqui demonstro que essa imprensa participou do processo de construção da consciência política² dos homossexuais, compondo, portanto, o MHB.

Seu longo percurso principiou com o convite para participar da coletânea *Páginas de Transgressão* (Souto Maior; Silva, 2021). Já na **boneca** do livro, optei por retirá-lo, para aprofundamento. Essa longa trajetória oportunizou o seguimento, em espaços diversos (rodas de conversa virtuais, minicursos etc.), da discussão aqui apresentada, o que muito a enriqueceu, notadamente as críticas recebidas. Com ela, retomo o entendimento apresentado já em 1984 — de que a organização dos homossexuais brasileiros remonta ao final da década de 1950 (Colaço, 1984, p. 59) — e discutido academicamente em meu doutoramento (Rodrigues, 2012). Na tese, entretanto, embora trabalhasse o aspecto processual e discutisse, com Certeau (1995) e Bourdieu (2001, 2007a), fases e desafios implicados no processo de construção do MHB, classifiquei essas ações pioneiras como “protoativismo”. Na parte já publicada desta pesquisa, discuto essa mudança de entendimento. A narrativa, um tanto descritiva aqui adotada, espelha a proposta de trazer os personagens, seus feitos e discursos, inclusive contradições e lapsos de memória.

Apoiada em Glória Gohn (2008, p. 249-260), Edward P. Thompson (2004, p. 13) e Howard Becker (2007, p. 14), trabalho com a noção de movimento social que integra, sem linearidade, todas as fases da ação política, inclusive a embrionária, quando marcada pela intencionalidade. A contrapelo e em uma perspectiva descolonial e anticapitalista (Ballestrin, 2013, p. 108-112; Halberstam, 2020, p. 42-44, 49-50, 132-133, 137-138, 146-147), privilegio o momento anterior à sua estruturação. Atenta ao processo histórico; aos sentidos, significados e objetivos de suas ações, segundo os próprios atores; e, sobretudo, à “tensão extrema” contida nesse momento em que é

¹ Periódicos manuscritos/datilografados e reproduzidos reprograficamente em baixas tiragens.

² Processo psicossocial, relacional e contextualizado, de desenvolvimento de uma visão de mundo crítica, pautada na experiência social. Crenças e valores internalizados são ressignificados, podendo o agente considerar atuar, individual ou coletivamente, na transformação da realidade, que vê como injusta. Ver, p. ex., Silva, 2002, 2008, p. 380-416.



exigido um esforço adicional para superar a dominação simbólica (Bourdieu, 2024, p. 39; 2007b) mais aguda no período mais repressivo da ditadura civil-militar.

São examinados:

- o debate sobre essa imprensa no *Lampião* (números 0, 1, 2 e 4), envolvendo Fredirico Jorge Dantas, Agildo Guimarães, Aguinaldo Silva, José Alcides Ferreira e Peter Fry;
- a entrevista conjunta de Anuah Farah e Agildo Guimarães ao *Lampião* (n. 28, set. 1980, p. 6-7);
- os periódicos *Snob*, *Baby*, *Gente Gay*, *Aliança dos Ativistas Homossexuais*, *Entender* (Fundo da Turma OK no Arquivo Edgard Leuenroth, AEL/Unicamp) e *Corydon* (Ferreira, 2016; 2019; Cabral, 2017; Bortolozzi, 2021);
- o *Catálogo da Imprensa Alternativa* (Míccolis, 1986);
- e as pesquisas de James Green (2000); Edward MacRae (1990); Jorge Rodrigues (2005; 2007; 2010); Marcus Lima (2001) e Barbosa da Silva (Green, 2000, nota 115, *in fine*, p. 325; Silva, 2005, p. 171).

O historiador Edward P. Thompson (2004) e o sociólogo Eder Sader (1988) destacaram o papel determinante das publicações clandestinas e artesanais no processo de constituição da consciência política — aquele para a formação da classe operária inglesa, entre os séculos XVIII e XIX e, este, para os movimentos populares brasileiros das décadas de 1970 e 1980, em São Paulo. No caso paulista, os trabalhadores puderam contar com o apoio de setores da Igreja Católica que forneceram suporte nos embates com o regime ditatorial e legitimaram reivindicações. As pessoas homossexuais, contudo, não dispunham de instituição legitimadora em seu processo, mas contaram com redes e espaços de sociabilidade formados pelas gerações anteriores, avançando na conquista e criação de outros (Rodrigues, 2012; Rodrigues, 2016; Morando, 2018; Bittencourt, 1978). Um desses foi a imprensa gay artesanal. Jorge Luís Pinto Rodrigues (2005; 2007; 2010) reconhece esse papel estruturante da identidade coletiva desempenhado pela imprensa homossexual — mas não em relação à imprensa gay artesanal brasileira.

Entretanto, ao contrário do que ele e outros autores afirmam (MacRae, 1990, p.65-69; 95; Green, 2000, p. 306-307; Lima, 2001, p. 2), e como aqui será demonstrado, os jornais gays artesanais não tinham “como único objetivo, a diversão e seus aspectos críticos se limitavam à bem-humorada paródia dos acontecimentos mundanos da alta sociedade” (MacRae, 1990, p. 95) — legítimo elemento da subcultura, expressão de sua inventividade e resistência.

Leila Míccolis (1983, p. 7) cita 27 publicações produzidas no Rio de Janeiro, entre 1961 e 1977³; Colaço (1984, p. 61), trinta anteriores ao *Lampião* (1960-1977); e James Green

3 Em 1986, no *Catálogo de imprensa alternativa* (1986), ela acrescentaria outros títulos.



(2000, p. 325, nota 115), trinta e oito títulos, faltantes alguns já listados. Esses periódicos e, por extensão, as redes de sociabilidade em torno deles, propiciaram a pertença e a construção, tanto de mecanismos de proteção recíproca, quanto da identidade coletiva e da consciência política (Rodrigues, 2012; Colaço-Rodrigues, 2023). Em suas páginas, também refletiram sobre si e o lugar que a sociedade lhes designava, expressando clareza sobre o reconhecimento dos “direitos civis” como objetivo da luta. Ali reelaboravam a experiência da subjetividade desqualificada e marcada pela culpa; problematizavam os modos de estruturação de suas práticas e identidades sexuais. E ainda que, em certos momentos, alguns de seus principais personagens expressassem uma visão desimportante de suas ações, em outras ocasiões eles manifestaram a consciência de que suas construções culturais, incluída a sua imprensa artesanal, eram uma forma de ação política, naquilo que chamavam eles próprios de “movimento homossexual”, “União Brasileira de Entendidos” e “movimento gay brasileiro” (*Aliança dos Ativistas Homossexuais*, n. 2, 1977; *Gente Gay*, n. 3, 15/02/1977, p. 15). A literatura acadêmica clássica sobre o Movimento Homossexual Brasileiro, porém, calcada numa perspectiva produtivista, de matriz liberal/capitalista, cristalizou a ideia do mito fundador, desconsiderando o processo histórico, a não linearidade dos movimentos sociais e o esforço adicional na constituição da consciência política exigido aos atores alvo de processos de estigmatização (Colaço-Rodrigues, 2023). Na área do jornalismo, contudo, esse entendimento vem sendo problematizada (Ferreira, 2019; Silva Júnior, 2022).

Contexto, personagens e Contribuições

O processo de organização dos homossexuais no Brasil perpassa as décadas de 1950, 1960 e 1970. Período marcado por intensas transformações, não apenas na Europa e nos Estados Unidos: o movimento pacifista, contra as ações dos EUA na guerra do Vietnã; o dos negros estadunidenses pelos direitos civis; as lutas anticoloniais; a revolução sexual; a contracultura; a nova onda do movimento feminista. Também no Brasil, as mudanças se verificaram, na política, nas artes, nos costumes, nos direitos, na geografia humana. Por um lado, novo grande ciclo de migração urbana, aumento da industrialização, a ditadura civil-militar, hegemonizando a mentalidade falso-moralista, autoritária e violenta, operando sob o dístico da “moral e bons costumes”, o modelo econômico concentrador e dependente, as crises do petróleo. Por outro, paradoxalmente, a contracultura, tributária dos movimentos *beat* e *hippie*, portadores privilegiados do romantismo libertário ou anarquista (Ridenti, 2000; Rodrigues, 2012).

Nesse período, nossa imprensa comercial noticiava a luta internacional contra a

criminalização/discriminação da homossexualidade⁴; a intensa subcultura homossexual a vicejar nas grandes cidades, como no Rio de Janeiro⁵; várias matérias sobre a temática⁶; e a presença, com grande sucesso, da questão nos campos editorial, cinematográfico e teatral: o livro *As cidades da noite* (*City of Night*), de John Rechy, mostrando “como vivem isoladamente ou em grupo, os homossexuais nas principais cidades dos Estados Unidos”, figura entre os *best-sellers* estrangeiros em seis dias de março de 1965 (*JB*, 10, 11, 12, 14, 16, 17 e 18/03/1965, Cad. B, p. 7, 9, 11); o lançamento da segunda edição de *Homossexualismo e delinquência*, de Luís Ângelo Dourado, pela Zahar — “a primeira edição [de 1963] esgotou-se em poucos meses” (*JB*, 07/07/1967, Cad. B, p. 3); as repercussões, na Inglaterra, do romance estadunidense *The Naked Lunch*, de William Burroughs, em coluna de Fernando Sabino (*JB*, 18/03/1965, Cad. B, p. 4 e repetida em 07/06/1966, Cad. B, p. 4); o lançamento de *Giovanni*, de James Baldwin, com *orelha* de Paulo Francis, pelo *Jornal do Brasil* em 27 de julho de 1967 (Cad. B, p. 2) — “uma história de homossexuais, na qual o autor penetra a fundo nas intimidades do homem”. Bem recebido, a segunda edição saiu no ano seguinte, como parte da Biblioteca do Leitor Moderno (volume 89), da Civilização Brasileira. A peça *Queridinho*, do inglês Charles Dyer, no Teatro Princesa Isabel, com Sérgio Viotti e Jardel Filho, representando barbeiros homossexuais, mereceu récita especial, na abertura dos prêmios Molière. Ficou longo tempo em cartaz, anunciada desde os ensaios (*JB*, 08/06/1967, Cad. B, p. 4), “atraindo uma plateia diária quase que exclusivamente masculina” (Léa Maria, “Plateia Pitoresca”, *JB*, 06/07/1967, Cad. B, p. 3) e, em 11 de julho de 1967 (*JB*, Cad. B, p. 2), recebeu alentado comentário do crítico Yan Michalski. Até 16 de outubro de 1967, figurou nos **tijolinhos** da programação teatral, com sessões de quarta a domingo.

Os editores da imprensa artesanal **gay** não estavam alheios a tal cenário e tampouco o ignoravam os organizadores dos efêmeros grupos de discussão da primeira metade dos anos 1970, tampouco aqueles que, por várias vezes, tentaram organizar congressos temáticos (Rodrigues, 2012).

O mais antigo periódico homossexual de que se tem notícia foi registrado por Barbosa da Silva, em pesquisa recuperada por James Green (2005): em São Paulo, em 1959-1960. Em sua tese, Green destacou a constatação de Silva de que “a publicação refletia um desenvolvimento

4 *A Nação*, 13 mar. 1953, p. 4; *Diário da Noite*, 6 out. 1961, p. 7; *Diário de Pernambuco*, 16 out. 1966, p. 3; *JB*, 2 ago. 1964, p. 15; 13 maio 1965, p. 14; 12 fev. 1966, p. 8; 23 fev. 1967, p. 6; 21 out. 1967, p. 3; 31 jul. 1966, s/n.; Sandroni, 1969, p. 7; *Correio da Manhã*, 7 jun. 1972, p. 7; 22 nov. 1972, p. 1.

5 *JB*, 23 fev. 1964, p. 8; 15 fev. 1967, p. 6; *JB*, 17 out. 1967, Cartas dos Leitores, p. 6; *JB*, 10, 11, 12, 14, 16, 17 e 18 mar. 1965, p. 7, 9, 11; *JB*, 7 jul. 1967, p. 3; *JB*, 18 mar. 1965, p. 4, e 7 jun. 1966, p. 4; *JB*, 27 jul. 1967, p. 2; *JB*, 8 jun. 1967, p. 4; *JB*, 6 jul. 1967, p. 2 e 3.

6 *Manchete*, 10 set. 1977, p. 89-90; Green, 2000, p. 418 e 443, p. 426 e 445; *Realidade*, n. 27, jun. 1964, p. 6, e n. 28, jul. 1964, p. 4-5.



significativo da organização dessa minoria” (Green, 2000, p. 325. Grifo próprio). Silva sublinhou que o jornal expressava “um movimento original que levaria a uma maior organização da minoria [...] como tem ocorrido em outros contextos” (Silva, 2005, p. 171. Grifo próprio). Frederico Jorge Dantas e Agildo Guimarães têm produção editorial a apontar no mesmo sentido identificado por Silva (2005). O editor de *Lampião* reconheceu nela as condições de possibilidade para o seu surgimento (Guimarães, 1978, p. 14; *Lampião*, n. 0, 1 e 28). Anuah Farah (*Lampião*, n. 28, set. 1980, p. 7) e Leila Míccolis (1980, p. 6) destacaram a importância de Guimarães, como “líder nacional”, idealizador da Associação Brasileira de Imprensa Gay (Abig), mencionada por MacRae (1990, p. 67) e prestigiado junto a seus leitores. Além do trabalho de conscientização, eles procuravam manter e ampliar seu público com “coisas mais digestivas” (Guimarães, *Gente Gay*⁷, 31 jan. 1977, n. 2, p. 13). A produção de Guimarães e sua recepção foram discutidas na primeira parte desta pesquisa, já publicada, como anteriormente referido (Colaço-Rodrigues, 2023).

A importância de Dantas dessume-se de seus textos, do modo de sua presença no *Lampião* (n. 0, abr. 1978, p. 5) e em suas conexões com o movimento internacional (Insausti; Fernández Galeano, 2020). Mas ele não é citado pelos que fixaram a noção desqualificada da imprensa artesanal *gay* nacional e seus periódicos não figuram na lista elaborada por Green (2000, p. 325). No n. 8 do *Gente Gay*, seu texto “Comportamento homossexual” (Dantas, 1977, p. 13-15) é um manifesto pela luta contra o preconceito e a discriminação: “É hora de se [sic] ir para as ruas e lutar em prol de nossos ideais [...] Vamos emergir das cinzas que nos jogaram por tanto tempo”.

No *Aliança*, datilografado em papel A-4, com oito a onze páginas (n. 2 e 3, s/d), há mais do que seções sobre livros, a homossexualidade nos discursos especialistas, o ativismo nos EUA e na Inglaterra; divulgação (*Gente Gay* e *Entender*) e elogio ao trabalho de Celso Curi, Glorinha Pereira, Agildo Guimarães, Aguinaldo Silva e Darcy Penteado (*Aliança*, ano 1, n. 3, p. 3). Ali é apresentada a proposta do que eles próprios denominam um movimento por direitos civis.

Iniciamos um Movimento de esclarecimento que tem como meta o melhor entendimento [...] entre as várias classes de homossexuais. [...] Acreditamos já ser isto de grande importância à nossa causa, especialmente na luta pelos direitos civis em que estão empenhados não somente os homossexuais brasileiros. (*Aliança*, ano 1, n. 2, p. 2) [...] É um dever de honra participar e promover esta campanha pelos nossos direitos, pela nossa própria sobrevivência como seres humanos. (*Aliança*, ano 1, n. 4, p. 1)

⁷ *Gente Gay* trazia visões do campo Psi e da Medicina e notícias sobre o movimento gay estadunidense.

Na entrevista de Dantas para Fernando Moreno, no *Gazeta de Notícias*⁸, ele diz que o coletivo constituído a partir do boletim *Aliança* encontra-se em fase de consolidação. Tem por objetivo “esclarecer nossos irmãos [acerca] de necessidades primárias para a busca de uma identidade própria” (Moreno, s/d.). Em *Lampião*, página ímpar, com coluna e meia, sob o título “Qual é a da nossa imprensa?”, há uma breve apresentação dele. Descrito como quem inaugurou um viés mais estritamente político “à chamada ‘imprensa homossexual’”, os anteriores boletins são referidos como “um pastiche do colonismo social exercido na grande imprensa” (*Lampião*, n. 0, abr. 1978, p. 5). De sua produção, citam apenas o *Eros*, com 150 leitores, ainda artesanal. Data, número de páginas e o processo de confecção não são informados. Curiosamente, o *Aliança* não é mencionado. Na imprensa comercial não homossexual, o *Aliança* aparece, em cartas de leitor, não como periódico, mas como grupo⁹.

Se o texto sobre Dantas, no *Lampião*, não fala do *Aliança*, ele não se dá com o seu projeto político. No entanto, assim como os pesquisadores clássicos da temática, Dantas tem dificuldade em compreender esse processo inaugural de formação da identidade coletiva como integrante da constituição do movimento “para libertação do homossexual”. Como eles, parte de uma visão inerente ao capitalismo, que tende a considerar as ações em uma ótica produtivista (Halberstam, 2020), entendendo um movimento social apenas quando já presentes a consciência política, ampla coesão, discurso e “repertório de ações”, noção não apoiada pela melhor teoria, como referido mais anteriormente (Glória Gohn, 2008; E. P. Thompson, 2004 e Howard Becker, 2007). Assimilacionista¹⁰, Dantas não integra o humor, o colonismo social, o glamour, as *bichas loucas*/afeminadas em seu projeto político. No entanto, a falta de “irmandade e auxílio mútuo” necessários à luta vê apenas nos que se opõem à sua proposta. Das outras ações embrionárias, ora as percebe enquanto constituintes do movimento pela “liberação homossexual”, ora não (*Aliança*, n. 3, 1977, p. 3, e *Lampião*, n. 0, abr.1978, p. 5).

A presença de Dantas no número zero de *Lampião* espelha, além das disputas de identidade e da estruturação das práticas sexuais, também a de projetos para o ativismo, para a imprensa homossexual e para o próprio *Lampião*. Elas reapareceram no número 2 (jun./jul. 1978), na seção de cartas, à página 14, em resposta de José Alcides Ferreira a Dantas. Ferreira, como Dantas e o *Aliança*, não concordava com a participação das travestis e feminizadas, censurando o *Gente Gay* por isso. Para Ferreira, os coletivos dos periódicos que incorporavam as feminizadas compunham

8 Constante dos recortes de jornais do Fundo da Turma OK, no AEL. Não consta, porém, a data ou página da publicação. No acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, o ano de 1970 desse periódico ainda não está digitalizado.

9 *Manchete*, 1º out. 1977, p. 138; *IstoÉ*, 5 out. 1977, p. 76. Agradeço a Luiz Morando a informação.

10 Percepção de que, para serem aceitos, precisavam incorporar o padrão heterossexual hegemônico, vendo a subcultura homossexual em lente negativa. Visão presente em vários grupos de ativismo e periódicos estrangeiros, cf. Silva, 2008, p. 130-142.



uma “camarilha machista” ridícula e vulgar. Os roteiros de sexo e lazer, o colonismo social e as montações, via sob a mesma perspectiva desqualificadora também presente nos pesquisadores acadêmicos clássicos.

Antropólogo, professor universitário e coeditor de *Lampião*, Peter Fry, em réplica a Alcides Ferreira e citando as iniciativas de Waldeílton Di Paula, foi o único, da rede de intelectuais acadêmicos que trataram do tema, a reconhecer o efetivo papel dessas publicações. Ele denunciou o preconceito e a desqualificação do trabalho de Di Paula e afirmou o seu pioneirismo, ao produzir cinco periódicos desde 1962 (“Fotos e Fofocas, Baby, Zéfiro, Little Darling e Ello”, *Lampião*, n. 4, ago./set. 1978, p. 4). Fry igualmente destacou a riqueza de dados sobre a subcultura, presente naqueles boletins; salientou o peso da estigmatização, a importância dos vínculos e seu papel na “libertação” dos homossexuais; recordou o fato de que as sociedades tendem, em suas produções culturais, a reproduzir o machismo que lhes é inerente, e que a divisão “entre bichas e homens” era subproduto da dominação masculina. Fry frisou, ainda, que as transformações trazidas desde 1962 por esses periódicos espelhavam as mudanças na subcultura homossexual que “levaram à possibilidade de se lançar LAMPIÃO”. E trouxe os dados biográficos de Di Paula: bancário, nascido em 1942, em Alagoinhas, BA, mudou-se para Salvador aos 13 anos de idade. Bianca Marie (Anuah Farah) aduziu: poeta e cronista premiado, ator de teatro, cenógrafo, autor e diretor; artista plástico com várias exposições, individuais e coletivas, com “quadros em pinacotecas internacionais”, entre outras atividades (*Gente Gay*, n. 3, 15 fev. 1977, p. 15-16).

O *Fotos e Fofocas* (1962) era um mural de exemplar único, quinzenal, com desenhos em lápis de cor feitos por Di Paula (que os chamava de “fotos”). Bem aceito, passou a fazê-lo com mais páginas e exemplares. O modo de retratar os membros da turma se assemelhava ao do *Snob* (Míccolis, 1980; Green, 2000). *Fotos e Fofocas* durou até 1967, substituído por *Zéfiro*, datilografado. Em 1970, veio o *Little Darling*, depois chamado *Ello*. Para Di Paula, *Ello* era “bastante profissional”: tiragem de cem exemplares e maior diversidade temática (fofocas, seções de teatro e cinema, “o mundo artístico”; informes gerais; e notícias da subcultura homossexual baiana, carioca e do exterior). O intercâmbio entre Salvador e Rio de Janeiro (visitas e colunas sociais recíprocas) se manteve, com *Little Darling* e o *Gente Gay*.

Baby foi lançado em fevereiro de 1969. Datilografado, com cinquenta exemplares fotocopiados, trazia em seu editorial (p. 2, n. 1) a metáfora do bebê para expressar a estrutura amorística: embora desejasse ser “um lampião iluminando os caminhos”, via-se “como um vaga-lume”. *Baby* exibia forte adesão à comunidade de leitores, valorização da subcultura e da solidariedade, rudimentos de projeto, notícias sobre o movimento na Holanda. Na página 5, o texto “O que é o homem afinal?”, assinado por “Tossa”, denunciava a estruturação social marcada pela dupla moral e criticava a masculinidade hegemônica, tema discutido academicamente apenas

três décadas depois (Nolasco, 1993). Problematicava sua construção cultural; os seus modos de atribuição de sentido; a violência intrínseca na sua manutenção; e a autovigilância na gestão de símbolos que pudessem ser imputados à temida e estigmatizada feminilidade (cf. Goffman, 1999 p. 101-107; Misse, 1979, p. 31-41; Rodrigues, 2012, p. 25, 28-42).

Quatro meses mais tarde, Hélio Fonseca, que, com Agildo Guimarães e Anuah Farah, editava o *Snob* (1963-1969), em sua última edição se mostrava tocado pelas discussões sobre os modos de ser homossexual (Fonseca, 1969, p. 16), processo em curso desde meados de 1963, intensificando-se a partir de 1965 e verificável também em *Snob*, *Baby*, *Gente Gay* e *Aliança*. MacRae (1990, p. 65-69) e Green (2000, p. 306-307) comentaram essas transformações, lidas, entretanto, apenas como mudanças na identidade sexual e na estruturação das práticas eróticas. Eles não reconheceram que, nesse processo, também se dava a construção da consciência política. O que foi sendo repetido pelos pesquisadores que se seguiram.

Waldeilton Di Paula, entrevistado por Peter Fry em fins de 1970, não se recordava dessas transformações, porém (Di Paula *apud* Fry, 1978, p. 4). Assim também Agildo Guimarães, entrevistado por James Green em 1994 (Green, 2000, p. 426 e 446). São lapsos que mereciam problematização, por apontar para a incorporação da visão estigmatizada (Goffman, 1999, p. 41). Outro lapso digno de nota é verificado em texto memorialístico de Aguinaldo Silva. Se nas páginas de *Lampião* reconheceu o protagonismo da imprensa artesanal e a condição de possibilidade para o periódico que editava, convidando Agildo Guimarães a integrar o corpo de colaboradores, no texto em que narra as suas memórias da constituição desse jornal, Aguinaldo se refere àquela imprensa de maneira depreciativa e mencionando a existência de um único boletim, o *Snob* (Silva, 2016, p. 103; 2024, p. 225). Ao ensejo, atribui o desejo de João Antônio Mascarenhas de “criar um jornal gay brasileiro” a um suposto interesse em “acabar com o *Snob* e dar uma lição no desafeto que o editava” (*Idem*, p. 103; *ibidem*, p. 225).

Em abril de 1978 (*Lampião*, p. 5), comentando o encerramento do *Entender*, Dantas reiterou a visão desqualificadora da imprensa artesanal. Citado em reportagem sobre o movimento *gay* (Saffioti Filho, 1º set. 1977, p. 88-89), o jornal *Entender* foi lançado possivelmente em agosto; em *offset*, com muitos anúncios e tiragem de 5.000 exemplares para assinantes, que esgotou. Editado pelo jornalista José Mauro de Moura, propunha, ao contrário de Dantas, a “confraternização” entre todos os homófilos, independentemente de classe ou estilo de gênero¹¹. Em seu n. 5 (dez. 1977), *Entender* incluía, como “consultor científico”, Manoel Messias Bacco, “professor e psicanalista” (Mícolis, 1980, p. 7; 1986, p. 37), um dos responsáveis pelo Círculo Corydon.

O Corydon mantinha relações com o ativismo gay internacional (a Comunidade Orgullo

¹¹ Recorde-se que, na época, as travestis eram tidas e tinham a si mesmas como homossexuais.



Gay, de Porto Rico, a “Mathachine [sic] Society” a International Gay List e o Gay News, de Londres) e trabalhava na “conscientização dos problemas dos homossexuais” (Gay Power 2, *Manchete*, 1º out. 1977, p. 138). Fundado em primeiro de março de 1978 e dirigido por Antonio Massaro Kiriara, contava com cerca de dez mil associados. O coletivo publicava o *Jornal do Gay* (1978, n. 2, mensal) e a revista *Gay News – Informativo Mundial dos Entendidos* (adquirida em 1979), ambas editadas por Massaro. Sua estratégia de ação visava combater o isolamento e melhorar a autoestima valorizando a subcultura e fomentando a formação de vínculos, o que fazia por meio da oferta de muitos e diversificados serviços culturais e informativos (*Jornal do Gay*, 1980, p. 19 *apud* Ferreira, 2016, p. 6). Devido à sua atuação, o *Jornal do Gay* e o Círculo Corydon foram monitorados pelos órgãos de repressão da ditadura civil-militar, conforme documentos do Fundo da Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Justiça, DSI/MJ (Cabral, 2017, p. 15-16). O ativismo do Círculo foi objeto de pesquisa de Vinícius Ferreira Ribeiro Cordão (2016) e Remom Bortolozzi (2021, p. 68-85).

O multiartista Darcy Penteado é outro personagem nessas ações pioneiras. Nascido em 1926, em 1977 era citado como liderança do movimento *gay*, junto a Celso Curi e Aguinaldo Silva (Saffioti Filho, *op. cit.*; Dantas *apud* Moreno, s/d.). Luiz Morando especula que Penteado tenha integrado o grupo analisado por Silva em 1959, vez que era amigo deste e do seu companheiro, o artista plástico Paulo Becker (Morando, 2023). Cofundador do *Lampião*, Darcy integrou o Grupo Somos/SP e sua cisão, o Outra Coisa. Ele é autor do ensaio “Cultura homossexual: já existe?” (*Lampião*, dez. 1979, p. 9), de cujo trecho Jorge Rodrigues (2010, p. 69) transcreveu. Mas não a parte onde Penteado dizia da indissociabilidade entre o fenômeno social e o político (primeiro parágrafo, primeira coluna). Nesse texto, Penteado também chamava a atenção para o caráter de processo na luta por direitos dos setores ditos “minoritários”, fruto da conscientização, por meio da qual o “indivíduo minoritário” se percebe possuidor de direitos. Na última coluna, refletindo sobre como “caminhar com nossos próprios passos e pelos nossos próprios caminhos”, reiterou: “tanto contribuirão [...] o ensaísta conscientizado [...] como o artista [...], o entendido que não pretenda criar nada [,] mas que viva sua sexualidade cotidianamente, a bicha louca que dá shows na rua, a sapatona que distribui sopapos, o travesti-prostituto que leva porrada da polícia etc. etc...” (Penteado, 1979, p. 9).

A percepção de Penteado, Peter Fry e Aguinaldo Silva, em *Lampião*, sobre a importância da subcultura e da solidariedade grupal na construção da consciência política, encontra eco em João Carlos Rodrigues, um dos colaboradores desse periódico. Em entrevista para Cláudio Silva (1998, p. 123-124), João reconhece que os coletivos de sociabilidade homófila, que sabe existir desde a década de 1950 e cujos integrantes entrevistou para um vídeo, compunham “um embrião” de organização. Desse mesmo entendimento, comungavam os pesquisadores trazidos por Jorge Rodrigues para subsidiar sua análise sobre os periódicos *gays* nos Estados Unidos. Mas Jorge não

leu da mesma maneira experiências semelhantes verificadas no Brasil.

Outro personagem que participou desse processo formativo foi Celso Curi, por meio de sua *Coluna do Meio*, publicada na edição paulista do jornal *Última Hora*. Contudo, como alguns outros, durante a sua produção, Curi não tinha clareza disso. Foi somente em 1986, ao ouvir a afirmação de um entrevistador, imputando à *Coluna* o papel de iniciadora do movimento no Brasil. Ali ele se deu conta de que o seu colunismo soci-al homossexual em veículo da imprensa tradicional de grande circulação popular participava do processo, doloroso e difícil, de superação da visão estigmatizada. No entanto, embora reconhecesse o peso da estigmatização e que o enfrentamento da introjeção do estigma era pressuposto necessário à ação política nas arenas tradicionais de poder, não percebia que a dominação cultural, as dinâmicas sociais de estigmatização operadas pela Igreja e pela Família, eram “questões políticas”, lendo-as como “uma questão puramente interna e pessoal” (Curi *apud* Silva, 1998, p. 126-127).

Ambivalências

Pesquisando nos EUA sob orientação de James Green, Jorge Rodrigues discutiu as primeiras publicações homófilas estadunidenses a partir da leitura de John d’Emilio e Rodger Streitmatter¹², que destacaram a “importância dos primeiros periódicos” homossexuais. Para Streitmatter, eles “criavam um espaço nacional [...], [onde] lésbicas e **gays** poderiam, pela primeira vez, falar um tom acima de um sussurro”. Para d’Emilio, “este esforço pioneiro de publicar revistas sobre a homossexualidade trouxe ao movimento gay [estadunidense] sua única vitória significativa durante os anos 1950” (*apud* Rodrigues, 2010, p. 26. Grifo próprio).

Rodrigues (2010, p. 27) registra que os periódicos **gays** impressos no modo industrial e de circulação nacional nos EUA surgiram na década de 1950, na Califórnia — quando preponderava “a culpa internalizada”. E que o primeiro periódico feito por e para homossexuais foi o também californiano *Vice-Versa*, de 1947, de produção artesanal — um boletim datilografado, com tiragem de doze exemplares a carbono, produzido por uma jovem secretária lésbica (Lisa Ben, anagrama de *lesbian*), e que Streitmatter dizia parecer um trabalho acadêmico (Rodrigues, 2010, p. 26). Da fase industrial, Rodrigues mencionou a produção dos anos 1950 e 1960. Dos anos 1950, citou as revistas *One* (1953), *Mattachine Review* (1955) e *The Ladder* (1956). No entanto, ele descreveu apenas a *One*: mensal, em *offset*, a primeira de ampla circulação (Rodrigues, 2010, p. 29). Além dos “ensaios pessoais”, *One* trazia “descrições de projetos de pesquisa” sobre *gays* e lésbicas,

12 D’EMILIO, John. *Sexual politics, sexual communities*. Chicago: University of Chicago, 1998, p. 115; STREITMATTER, Rodger. *Unspeakable: the rise of the gay and lesbian press in America*. Boston: Faber and Faber, 1995, *apud* Jorge Caê Rodrigues, 2010, p. 26.



“artigos sobre a homossexualidade”, “lista de livros [...] e cartas do leitor” (Rodrigues, 2010, p. 28). Sobre a *Mattachine Society*, Rodrigues afirmou que ela buscava “soluções” para os “problemas” decorrentes da homossexualidade através da “medicina e/ou [d]a lei”, sem, porém, informar que a *One* e a *Mattachine Review* foram editadas por membros da *Mattachine Society* (Rodrigues, 2010, p. 27).

Anúncios da *One* e da *Mattachine Review* apareciam nas páginas da *Arcadie Revue Littéraire et Scientifique*, revista homossexual francesa criada em 1954, com média de 65 páginas. Neles, a *One* se definia como “organização cultural, educativa e social”, com “artigos filosóficos e científicos, histórias, poemas, ilustrações” (*Arcadie*, abr. 1960, n. 76, p. 262). E a *Mattachine Review* se dizia “apresenta[r] todos os problemas humanos e particularmente o da homofilia em seus aspectos legal, médico, social, religioso e cultural” (*Arcadie*, jun. 1960, n. 78, p. 384). A *Arcadie* também trabalhava a autoaceitação pelo discurso especialista (medicina, direito, religião) e cultural (mitologia, história, literatura). Sem valorização da subcultura, porém.

Dos anos 1960, Rodrigues citou as revistas *Vector* e *Advocate*. A primeira, da *Society for Individuals Right*, circulou de dezembro de 1964 a 1976. Era mais profissional, com “notícias sobre o progresso dos direitos gays [...] entretenimento e fofoca [,] para garantir um apelo amplo” (d’Emilio apud Rodrigues, 2010, p. 31, grifo próprio); “Guia Gay completo”, “fotos de nu frontal masculino”; campanha pelo “assumir-se” (a partir de 1969); matérias e imagens sobre a comunidade socializando e restaurantes simpatizantes (a partir de 1971); e discursos de especialistas (jan. 1965; jan. 1969; set. 1975). Para Rodrigues (2010, p. 32 e 33), esses conteúdos mostravam a preocupação com “os interesses pessoais e coletivos da comunidade”, vendo-os como ações políticas: “A *Vector* expande o conceito de militância gay”, diz ele, aduzindo que, para a revista, “a dança, a ida ao teatro ou ao boliche, os bares, os passeios nos parques públicos servem como declaração política” (*op. cit.*, p. 31. Grifo próprio). Rodrigues também observou que alguns dos temas trazidos por *Vector* apareceram em capas do *Snob*, que supõe fosse “o primeiro jornal homossexual, e de vida mais longa do Brasil” (Rodrigues, 2010, p.32 e 45).

Já o *Advocate*, de 1967, inicialmente jornal e, após 1975, revista quinzenal, além de divulgar as conquistas do movimento **gay** e denunciar a discriminação contra os homossexuais, trazia colunas pessoais, sobre filmes e livros, editorial e calendário das atividades sociais (Rodrigues 2010, p. 34). No editorial de lançamento, junto à defesa dos direitos dos **gays**, tem-se a mesma metáfora da criança, encontrada no *Baby* soteropolitano: “Nascemos. E, como toda criança, somos, e seremos por um tempo, desajeitados, desengonçados” (set. 1967, n. 1, p. 6, apud Rodrigues, 2010, p. 48).

Em seguida, a partir de Green, Rodrigues falou da imprensa artesanal **gay** brasileira. “Assim como ocorreu na Califórnia [com] o *Vice-Versa* [...], no Rio de Janeiro a coisa não foi diferente

[..., porém,] só apareceram na década de 1960" (*op. cit.*, p. 44). Citou títulos de 24 periódicos artesanais, do Rio e da Bahia, "de restritíssima circulação", que, "segundo os editores do *Lampião* [cujo número e página não cita], eram jornais que versavam sobre amenidades e badalações sociais [...] acontecimentos culturais, reportagens e classificados", feitos entre amigos, mas "nem por isso eram vistos como algo menor". Citou os ornatos "icônicos" da maioria, a "diagramação moderna" do *Gente Gay* e tratou a Associação Brasileira de Imprensa **Gay** (Abig) e seus periódicos como um desdobramento da "busca por um território social" e "uma forma de afirmação" (*op. cit.*, p. 44-45). E descreveu o modo de produção do *Snob*.

Embora afirmando que seu foco era o *design* das publicações posteriores à nossa produção artesanal, Rodrigues terminou por nos dar a conhecer a pluralidade de pontos em comum entre as experiências editoriais **gays** estadunidenses industriais e as artesanais brasileiras, aqui examinadas: as marcas da incorporação da identidade estigmatizada, na desvalorização de suas próprias ações; o assimilacionismo, decorrente da ânsia por aceitação; a busca por visões de especialistas (discursos de verdade), no esforço de compreensão e autoaceitação da própria diferença em relação à heteronorma; o recurso a aspectos da subcultura na formação de público, na construção da identidade coletiva e da solidariedade; seções sobre teatro, cinema e livros. Rodrigues trouxe inclusive a pitoresca metáfora do recém-nascido, no californiano *Advocate*, de 1967, para ilustrar a ação incipiente, recurso que também encontramos no soteropolitano *Baby*, de 1969, como citado anteriormente.

Não obstante tais achados e embora o subtítulo de sua tese (Histórias e estórias da formação da imprensa gay no Brasil), Rodrigues repetiu a leitura reducionista de que a imprensa artesanal **gay** brasileira se limitava quase totalmente ao registro das badalações e à indicação de locais para paquera e sexo, presente em James Green (2000) e Marcus Assis Lima (2001, p. 2). Das 209 páginas, em três ele se ocupa das nossas publicações pioneiras: da página 43 (três linhas) à 46 (Rodrigues, 2007). Se afirmou que "seu pioneirismo e originalidade são muito importantes para analisarmos questões de gênero, a visão política dos editores e leitores e a questão da construção de identidades", não percebeu que tais "questões", à semelhança das experiências estadunidenses que analisou à luz de d'Emilio e Streitmatter, também "expandem o conceito de militância *gay*" e que a "questão da construção de identidades" (Rodrigues, 2010, p. 45), abarcando a transformação na estruturação das práticas sexuais, na visão de si e do grupo, integra a formação da consciência política e, via de consequência, também o movimento homossexual, em sua fase pré-estruturação, nos termos do reconhecimento conferido pela bibliografia crítica estadunidense em que ele se apoia e pelo ensaio de Darcy Penteado no *Lampião*, que também cita.

Rodrigues analisou *Lampião* (que trazia várias características dos artesanais, como fofocas, sátiras, valorização da subcultura, roteiros de lazer e sexo casual, nus masculinos, seções de



literatura, cinema, teatro) e posteriores, mas repetiu que não havia ativismo político nos artesanais. Não percebeu a similaridade com os conteúdos que ele destacou na imprensa **gay** estadunidense, industrializada e de ampla distribuição. Esqueceu que o recurso aos discursos de verdade (Foucault, 2002, 2001) e a “culpa” estavam presentes tanto nas publicações homófilas internacionais (nos EUA e na França) e no *Lampião*, como em nossa produção artesanal; que a “futilidade (‘festas, fofocas e novidades’)” atuava como elemento de coesão e pertencimento, estruturantes da identidade coletiva e estratégia de público (Rodrigues, *op. cit.*, p. 46); e que, como registrou o jornalista Silva Júnior (2022, p. 6-10), colunas sociais ou de mexericos eram prática empregada, nos Estados Unidos, desde 1920 pela imprensa empresarial, mimetizada pela imprensa homossexual em certos aspectos.

MacRae (1990), em sua etnografia sobre o Somos/SP — fruto de doutorado em antropologia na USP (1986), sob orientação de Eunice Durham e James Green —, apresenta o grupo como o evento fundante do Movimento Homossexual Brasileiro (MHB), visão que se tornaria dominante (*Op. cit.*, p. 67, 24, 33 e ss.). A imprensa artesanal ele analisa a partir do artigo de Fry e da entrevista de Anuah Farah e Agildo Guimarães a Leila Míccolis, ambos publicados no jornal *Lampião da Esquina* (*Op. cit.*, p. 65-69). Ele descreve os seus modos de produção e distribuição, destaca a criatividade, menciona a repressão policial sofrida por um dos editores e registra que, na referida entrevista, Guimarães e Farah “admitem [...] que eram trabalhos ingênuos” (*Op. cit.*, p. 65).

Mais adiante, MacRae transcreve parte onde Anuah Farah exibe uma visão desimportante do ativismo homossexual, valorizando apenas a visibilidade e as manifestações culturais: “agora, essa questão de política não, não aceito, não existe mesmo” (Farah *apud* MacRae, 1990, p. 66-67). Em outro trecho, o antropólogo traz ainda uma fala de Anuah, onde, diferentemente, ele reconhece a importância do trabalho que desenvolveram: “Daí, eu acho que, dentro de nossa batalha, nós ganhamos a luta em parte, porque, hoje, quando eu vejo o jornal de vocês (*Lampião*), vendido numa banca de revista, aberto, sinto que isto é uma vitória também nossa, também nós lutamos muito por tudo isso” e conclui reconhecendo que das suas maiores contribuições “foi, sem dúvida”, a ocupação do espaço público, a visibilidade (*apud* MacRae, 1990, p. 67). Mas MacRae não problematiza essas contradições.

Ao abdicar de problematizar as contradições nas falas de Farah — que ora nega a dimensão política de suas ações, ora as reivindica como vitoriosas, por meio da ocupação do espaço público e pelo surgimento de *Lampião* —, MacRae acaba por eclipsar a complexidade e o aspecto seminal dessa militância. E ainda que descreva o peso da estigmatização sobre os integrantes do Somos/SP, não aprofunda o debate sobre os desafios inerentes à superação do estigma para o fazer ativista.

Termina, ele próprio, por se contradizer. De um lado, reconhece expressamente a “atuação política embrionária” dos grupos anteriores ao Somos; cita a interpretação de Fry sobre eles, inclusive

a sua afirmação de que as transformações por eles implementadas “levaram à possibilidade de se lançar o *Lampião*” (*Op. cit.*, p. 69). De outro, MacRae não a integra ao MHB, mantendo-a em um plano marginal, desconectada do processo de constituição do movimento.

De seu turno, Green et al., na apresentação da coletânea que homenageou os 40 anos do marco fundacional hegemônico, após ressaltar que houve “diversas outras iniciativas anteriores de associativismo”, afirmam que “nem toda forma de ação política coletiva é um movimento social em sentido técnico” (2018, p. 11, grifo próprio). E prosseguem:

tomando o vasto campo da sociologia política, pode-se afirmar que movimento social consiste em um tipo específico de ação política coletiva, datada historicamente e com características próprias de repertório, mobilização de recursos e estrutura de oportunidades, variando os contornos mais precisos do conceito a depender das teorias e perspectivas adotadas pela análise (Green et al., 2018, p. 11, grifo próprio).

Esses autores esposam, como se vê, uma perspectiva calcada na matriz de pensamento capitalista, que apenas reconhece *ações de sucesso* (Halberstan, 2020, p. 147), relegando as iniciativas precursoras embrionárias/efêmeras/inviabilizadas, ainda que efetiva e conscientemente tenham participado do processo. Como se a história se desenrolasse em movimento retilíneo, uniforme e ascendente, onde “os becos sem saída, as causas perdidas e os próprios perdedores são esquecidos”, conforme denunciado por Thompson (2004, p. 12) e Becker (2007, p. 14). Na parte já publicada desta pesquisa, é apresentado o debate teórico sobre a categoria movimento social (Colaço-Rodrigues, 2023). Como dito ali, ademais de desconsiderarem o processo histórico, desconsideram teóricos que expressamente reconhecem o fato de que os requisitos que elencam em sua fórmula são também eles construídos, e que esse processo integra a formação do movimento social (Gohn, 2008, p. 11, 23-240, 242-4, 247-250). Também seguem ignorando a tarefa histórica adicional exigida de atores marcados pela estigmatização, aspecto subjetivo de importância capital, como reconhecem Peter Fry, Darcy Penteado e João Carlos Rodrigues, como visto anteriormente, mas desconsiderado igualmente por Maria da Glória Gohn (2008, p. 151-152), como também apontei (Colaço-Rodrigues, 2023, p. 267-271).

É curioso a imprensa **gay** artesanal brasileira não ter merecido o mesmo reconhecimento dispensado à produção industrial estadunidense, embora tantas características em comum e ainda que a importância dessa imprensa para a geração Somos/SP tenha sido reconhecida pelos integrantes do Grupo Libertos/Guarulhos, em suas propostas no I Encontro Brasileiro de Homossexuais Organizados (EBHO), no Rio de Janeiro, em dezembro de 1979: “Trabalhos práticos imediatos: [...] ampliar o trabalho de conscientização do homossexual através da união com outros grupos que levam (?) semelhante tipo de trabalho (*Jornal do Gay*, Corydon e outros) pois existem



pontos comuns e em comum" (*Lampião*, n. 20, jan. 1980, p. 9). Mais curioso ainda se atentarmos para o fato de que a nossa produção se deu em um país de poucos leitores, escassa vivência democrática e baixo capital cívico, que vivenciava sua urbanização junto ao recrudescimento da ditadura civil-militar.

Como é notável que o esforço adicional para a constituição da identidade política, por força da incorporação do estigma, não tenha sido examinado pelos pesquisadores acadêmicos, embora essa dificuldade tenha sido destacada em toda a sua agudeza pelos integrantes do Grupo Somos, embora atuando já em contexto de abertura política (*Lampião da Esquina*, mai. 1979, n. 12, p. 2),

Esses precursores não dispunham de carta náutica, bússola... Discurso, itinerário, agenda, alianças, foram sendo construídos no processo, com todas as dúvidas e contradições das ações inaugurais (Rodrigues, 2012). E sem poder contar com a legitimação de instituição qualquer da sociedade, ao contrário. No percurso, primeiro tiveram que superar a abjeção de séculos introjetada — o que exigia esforço singular. Com o país mergulhado em um regime ditatorial, em uma sociedade hipocritamente tolerante, falsamente cordial, violenta, autoritária, de poucos leitores, parca produção editorial, escassa vivência democrática e baixo capital cívico. Leila Míccolis, ex-integrante do Somos/RJ e do Auê, sua dissidência, em pioneiro ensaio sobre o movimento, destacou esse desafio subjetivo, ilustrado com trecho do manifesto do Somos/SP, publicado no *Lampião* um ano após sua constituição (Míccolis, 1983, p. 98). O parágrafo, editado em negrito no *Lampião*, dá um pouco a dimensão do desafio histórico:

A coisa não foi fácil. Tivemos uma existência quase clandestina e muito conturbada. Imaginem um bando de pessoas frequentemente com problemas básicos de aceitação pessoal, tentando encontrar o ponto comum para iniciar um diálogo sobre si mesmas. Tudo bastante dilacerado, de um lado. Muita dúvida porque tudo era novo [...]. De fato, não tínhamos nada pronto, nada de concreto para expor, nenhuma fórmula para mudar o mundo (*Lampião da Esquina*, n. 12, mai. 1979, p. 2).

Alguns desses atores, com maior volume de capital intelectual e social, tinham acesso a publicações e intercâmbio com ativistas internacionais, como Frederico Jorge Dantas (Insausti; Fernández Galeano, 2020), Manoel Messias Bacco (*Manchete*, 1/10/1977, p. 138). Porém todos tiveram que, primeiro, empreender a luta contra a autoimagem deteriorada. E, a partir e/ou concomitante com ela, dar-lhe curso entre os seus pares. Mas com o horizonte de chegada em muitos momentos manifesto — a "luta pelos direitos civis", o direito à vida livre de discriminação (*Aliança...*, ano 1, n. 2, p. 2). Ainda que a momentos reincidindo na visão desimportante de suas ações, marca presente inclusive em João Silvério Trevisan, cofundador do Somos/SP e autor de obra inaugural sobre a homossexualidade no Brasil, "da Colônia à atualidade", fora do registro da

desqualificação, publicada aqui em 1986. Trevisan desconsidera a importância do anterior grupo de reflexões que organizou em São Paulo, em 1976, e do qual participou o depois dermatologista Paulo Roberto Teixeira, personagem decisivo na construção de políticas públicas de enfrentamento ao Hiv/Aids (Trevisan, 2000; Rodrigues, 2012).

A interpretação reducionista sobre a imprensa **gay** artesanal brasileira opera por contraste, servindo como mecanismo de validação, em reforço da narrativa mítica fundacional do movimento homossexual brasileiro. Não tendo sido examinada em si mesma, mas apenas em contexto da noção prévia do Grupo Somos/RJ como evento fundante, essa leitura de nossa imprensa artesanal guarda relação também com a posição de seus formuladores nos grupos e na rede de pesquisadores do tema, a demandar objetivação (Bourdieu, 2011, p. 21 e 289). MacRae e Green integraram o Grupo Somos/SP, o primeiro posteriormente coorientado em seu doutoramento pelo segundo (defesa apresentada à banca em 1986, quando o fundo Turma Ok no AEL ainda não estava constituído). Jorge Rodrigues é egresso do Grupo Somos/RJ. Green o entrevistou em 1995, durante sua pesquisa de doutorado, aqui publicada em 2000. Posteriormente, Rodrigues foi por ele orientado em sua pesquisa nos EUA sobre a história da imprensa homossexual. Por outro lado, essa compreensão é sustentada em leituras alheias (MacRae e Rodrigues) e no exame de *Snob* e *Gente Gay*, de forma direta (Green). Como mencionado anteriormente, Green listou 38 títulos de periódicos artesanais, inclusive os editados por Waldeilton di Paula (Green, 2000, p. 324, nota 113 e p. 325, nota 115). E referenciou ter trabalhado com 14 deles (possivelmente da coleção de Agildo Guimarães), inclusive *Baby* (*op.cit.*, p. 463-464). Mas se dedicou a discutir *Snob* e *Gente Gay*, informando a existência da coleção completa do *Snob* custodiada no AEL/Unicamp (doada por Agildo em 1995). Não informou, porém, que ali poderiam também ser encontrados ainda outros dos periódicos artesanais.

Essa posição implicada emerge de maneira mais acentuada no trabalho de Green. Dos editores, ele entrevistou Agildo Guimarães, em outubro de 1994; Anuah Farah e Hélio Fonseca, em julho de 1995 (*op.cit.*, p. 463). No entanto, conforme se vê em suas referências bibliográficas, ele já publicava sobre “a emergência do Movimento de Liberação Gay Brasileiro” desde março de 1994 (*op.cit.*, p. 481). Ainda que suas fontes apontem para o lento e não linear processo histórico de construção da consciência política e organização (parte integrante dos movimentos sociais), o historiador opera com a tese prévia do Somos/SP como mito fundador. E se coloca como “líder da ala progressista do movimento”, de cuja “fundação” (sic) teria participado, enquanto afirma que essa sua proximidade o teria forçado “a agir com cautela” (Green, 2000, p. 38) — aspectos discutidos em Colaço-Rodrigues, 2023, p. 11-13; 17-18.

Ao operar com uma noção produtivista da categoria movimento social, esses pesquisadores engendram uma história de matriz capitalista, que constrói “narrativas políticas triunfantes com histórias progressistas de desenvolvimento e sucesso” (Halberstam, 2020, p. 147), tendente a



ignorar o processo histórico, como discutido aqui e em Colaço-Rodrigues, 2023.

Ao lado da ambivalência ante aspectos da subcultura desqualificados pelos intérpretes (Goffman, 1988, p. 101-107, 118; Misse, 1979, p. 31-41; Rodrigues, 2012, p. 25, 28-42) — a subcultura bicha frente à **gay**, marca presente também em alguns dos editores —, temos as diferenças de classe, origem, posição, volume e modalidade de capitais simbólicos entre aqueles pioneiros e os intelectuais dos grupos, que posteriormente construíram suas carreiras acadêmicas analisando esses eventos. Encontramos, ainda, as marcas da colonialidade do saber (Ballestrin, 2013, p. 103), manifesta na ambiguidade da análise da imprensa gay artesanal brasileira, em relação à industrial dos EUA.

Desses intelectuais acadêmicos, Peter Fry foi o único a destacar, ademais do peso do estigma, o pioneirismo desses periódicos na valorização da subcultura e na produção da solidariedade (e sua importância para o movimento), o caráter processual da ação política e o quanto a geração do *Lampião* era deles tributária.

A repetição mecânica da díade contrastiva, onde a desqualificação da imprensa artesanal atua em reforço à tese do caráter fundante do Somos/SP, por outro lado, espelha os modos de funcionamento do campo acadêmico, com suas dinâmicas de lealdades e adesões, visando à integração nos mecanismos de reprodução e à obtenção de posições e capitais (Bourdieu, 2024, p. 35-45; 2011, *passim*). A historiografia sobre o MHB se ressentia, ainda, da ausência de outras vozes protagonistas, tanto da imprensa artesanal quanto da geração *Lampião* e *Somos* (por conta das perdas durante e após a pandemia do HIV/Aids) e das condições materiais da produção das pesquisas na pós-graduação, com a redução do seu tempo, a escassez de bolsas e a lógica produtivista instaurada. Nesse aspecto, não podemos esquecer das dificuldades impostas pela ausência de uma política de acesso aos acervos — a indisponibilidade de acesso virtual do fundo Turma Ok no Arquivo Edgard Leuenroth em muito tem dificultado a pesquisa, o que pode ser constatado se observarmos o número de pesquisas que a disponibilização virtual da coleção do jornal *Lampião da Esquina* possibilitou.

Conclusão

O percurso aqui desenvolvido, em continuidade ao artigo publicado na *Revista Brasileira de História* (Colaço-Rodrigues, 2023), retomou proposição apresentada em 1984 (Colaço) e 2012 (Rodrigues), aprofundando pesquisa e reflexões. Reiterou, de maneira detalhada, a afirmação de James Green (2000) de que nos anos 1960 a representação da homossexualidade estava em disputa na Europa, nos EUA e no Brasil; e que a identidade e a estruturação das práticas homossexuais masculinas, no Brasil, estavam em transformação. Em seguida, retomou e aprofundou

a compreensão apresentada por MacRae sobre as atuações políticas embrionárias dos grupos anteriores ao *Somos* (*op.cit.*, p. 67).

Por meio do paradigma indiciário (Ginzburg, 2003), foi possível demonstrar que o ativismo de bichas, travestis, homossexuais e afeminados não esteve presente apenas nas páginas de *Snob* e *Gente Gay*, mas naquela imprensa artesanal de maneira geral, por meio da qual foram construindo redes de apoio e fortalecimento, discutindo a própria sexualidade, os seus modos de estruturação e visão, lutando contra a estigmatização introjetada e engendrando sua consciência política — condições necessárias à ação política na arena pública e nos espaços tradicionais, como destacado por João Carlos Rodrigues (*apud* Silva, 1998, p. 123-124) e discutido por Glória Gohn (2008, p. 249-260) e Edward Thompson (2004, *passim*).

Assim, apoiado em consentânea teoria sobre a ação coletiva e os movimentos sociais (Gohn, 2008; Becker, 2007; Thompson, 2004), sustenta que a imprensa artesanal **gay** brasileira, assim como as ações efêmeras e as impedidas pelo regime militar, não constituem um suposto “protoativismo”, como afirmado em Rodrigues, 2012, mas tratam-se de ações políticas efetivas e integram o processo de formação do MHB em sua fase embrionária, contrariamente ao entendimento de Green (2000), repetido pelos pesquisadores que se seguiram, conforme discutido em Colaço-Rodrigues, 2023, e seguiu sendo reafirmado por Green, Quinalha, Caetano e Fernandes (2018).

A hegemonização da narrativa estruturada na díade contrastiva e complementar, expressa, não apenas a problemática análise do MHB como um acontecimento súbito, inaudito, mas, também, o resultado da confluência entre os modos de estruturação e funcionamento do campo acadêmico — com suas disputas por capitais e posições —, a colonialidade do saber, e as limitações materiais da pesquisa no Brasil. Enquanto a imprensa industrial **gay** estadunidense é apresentada como padrão de desenvolvimento e consciência política, a imprensa artesanal **gay** brasileira, com toda a riqueza de sua subcultura, ativismo político e adversas condições sócio-históricas de produção, segue sendo majoritariamente lida em um registro menor e suas fontes de difícil acesso.

À indisponibilidade virtual de documentos de acervos como o fundo Turma Ok (constituído em 1995, repita-se — que mantém custosa e pouco acessível a pesquisa —, alia-se o fordismo implantado como modo de produção do saber acadêmico. O que contribui para a repetição mecânica de tese que, assim, se consagra, negligenciando o exame das subculturas em sua densa complexidade e reforçando narrativas lineares e triunfantes. De modo inverso, a grande produção de pesquisas viabilizadas pela digitalização do *Lampião da Esquina* em 2010 (cf. Gonçalves, 2025, p. 21 e 157-162) demonstra como a efetividade do direito fundamental de acesso aos acervos garante a qualidade da produção historiográfica.

Parafraseando John d’Emilio, autor de referência para Jorge Rodrigues e James Green, essa imprensa artesanal, tratada pelos clássicos como meros boletins “sobre fofocas, notícias e



cultura”, trouxe ao movimento **gay** brasileiro sua única vitória significativa entre os anos 1960 e 1977 (apud Rodrigues, 2010, p. 26; Green, 2000, p. 40).

Referências

A NAÇÃO. Santa Catarina, ed. 0233, 13 mar. 1953, p. 4, Coluna Ronda da vida.

ALIANÇA dos Ativistas Homossexuais, Rio de Janeiro, n. 2, 3 e 4, 1977.

ARCADIE, *Revue Littéraire et Scientifique*, Paris, n. 7-8, jul./ago. 1954, a n. 108, dez. 1962. Acervo pessoal.

BABY, Salvador, n. 1, fev. 1969.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89-117, maio/ago. 2013. Disponível em: <http://bit.ly/3l7b8tw>. Acesso em: 22 jun. 2025.

BECKER, Howard S. **Segredos e truques da pesquisa**. Tradução: Maria Luzia X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BITTENCOURT, Francisco. Discoteca, sauna, clube: um admirável mundo novo? **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 1, 25 maio/25 jun. 1978, p. 5. Acervo pessoal.

BORTOLOZZI, Remom Matheus. **Entre trapos e colchas**: vestígios da memória LGBT sobre as primeiras respostas paulistanas à epidemia de HIV/Aids. 2021. Tese (Doutorado em Ciências) – Programa de Saúde Coletiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://bit.ly/4kWikrd>. Acesso em: 3 maio 2023.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Tradução: Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp, 2007a.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007b.

BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. Tradução: Ione Ribeiro Valle, Nilton Valle. Florianópolis, Ed. UFSC, 2011.

BOURDIEU, Pierre. Reflexividade narcísica e reflexividade científica. (1993) In: BOURDIEU, Pierre. **Retorno à reflexividade**. Tradução: Thomaz Kawauche. São Paulo: Unesp, 2024. p. 35-46.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt e Roneide Venancio Majer. São Paulo: Unesp, 2002.

CABRAL, Jaqueline Ribeiro. **Arquivos da repressão**: fontes de informação sobre diversidade sexual e de gênero na ditadura militar. **Archeion Online**, João Pessoa, v.5, Número Especial, p.103-121, jul. / dez. 2017 <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/archeion>. ISSN 2318-6186. Acesso: 17 jul 2025.

CERTEAU, Michel de. **La toma de la palabra y otros escritos políticos**. México, D.F.: Universidad Iberoamericana, 1995.

COLAÇO, Rita. **Uma conversa informal sobre homossexualismo**. Rio de Janeiro: Ed. do autor, 1984.

COLAÇO-RODRIGUES, Rita C. Mitos, categorias e cristais: revisitando os clássicos do movimento homossexual brasileiro. **Revista Brasileira de História**, v. 43, n. 93, p. 265-286, mai./ago. 2023. Disponível em: <http://bit.ly/3T3POHO>. Acesso em: 10 jul. 2023.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 7 jul. 1972, 1º Cad., p. 7; 22 nov. 1972, Anexo, p. 1.

DANTAS, Frederico Jorge. Comportamento homossexual. **Gente Gay**, Rio de Janeiro, n. 8, 30 jul. 1977, p. 13-15.

DANTAS, Frederico Jorge. Qual é a da nossa imprensa? **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 0, abr. 1978, p. 5. Acervo pessoal.

DIÁRIO DA NOITE, São Paulo, 6 out. 1961, p. 7.

DIÁRIO DE MINAS, Belo Horizonte, 7 out. 1966.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 16 out. 1966, p. 3.

FARAH, Anuah. Ver MARIE, Bianca.

FERREIRA, José Alcides. Pauladas na 'bixórdia'. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 2, 25 jun./25 jul. 1978, p. 14. Acervo pessoal.

FERREIRA, Vinícius. Por uma história cultural da imprensa homossexual. In: RÊGO, Ana Regina et al. (orgs.). **Os desafios da pesquisa em história da comunicação**: entre a historicidade e as lacunas da historiografia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019, p. 405-439.

FERREIRA, Vinícius. **A imprensa gay do Círculo Corydon em prol da cidadania homossexual**. Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, no XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, organizado pela Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. São Paulo, de 05 a 09/09/2016. Disponível em: <https://scholar.google.com/scholar?oi=bibs&cluster=14291421342486044228&btnI=1&hl=pt-BR>. Acesso: 14 jul 2025.

FONSECA, Hélio. **Snob**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, maio/jun. 1969, p. 16.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Tradução: Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

FRY, Peter. História da imprensa bahiana. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 4, ago./set. 1978, p. 4. Acervo pessoal.

GENTE GAY, Rio de Janeiro, n. 2, 31 jan. 1977; 15 fev. 1977, s/n.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano de um moleiro perseguido pela Inquisição. Tradução: Maria Betania Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução: Márcia B. de M. Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LCT, 1988.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

GONÇALVES, Alisson. **Jornal Lampião da Esquina (1978-1981)**: a luz da identidade gay no Brasil ditatorial. Cachoeirinha: Fi, 2025.

GREEN, James N. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Tradução: Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2000.

GREEN, James; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (orgs.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. 1. Ed. São Paulo: Alameda, 2018.

GUIMARÃES, Agildo B. Um abraço do “Gente Gay”. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 1, 25 maio/5 jun. 1978, Cartas na mesa, p. 14. Acervo pessoal.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Tradução: Bhuvi Libanio. Recife: Cepe, 2020.

INSAUSTI, Santiago Joaquín; FERNÁNDEZ GALEANO, Javier. Archivos Digitales Queer: Cartografías Digitales de las Redes Transnacionales LGBTQ en Latinoamérica a través del Archivo de Robert Roth. **Moléculas Malucas** – Archivos y memorias fuera del margen, abr. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/424abH4>. Acesso em: 5 jun. 2020.

ISTOÉ, São Paulo, ano II, n. 41, 5 out. 1977, seção de cartas, p. 76.

JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, 23 fev. 1964, Cad. B, p. 8; 2 ago. 1964, Cad. B, p. 15; 18 mar. 1965, Cad. B, p. 7, 9, 11; 18 mar. 1965, Cad. B, p. 4; 13 maio 1965, 1º Cad., p. 14; 12 fev. 1966, 1º Cad., p. 8; 7 jun. 1966, Cad. B, p. 4; 31 jul. 1966, Cad. B, p. 10, 11, 12, 14, 16, 17; 15 fev. 1967, Cad. B, p. 6; 23 fev. 1967, Cad. B, p. 6; 8 jun. 1967, Cad. B, p. 4; 6 jul. 1967, Cad. B, p. 3; 17 out. 1967, Cartas dos Leitores, 1º Cad., p. 6; 21 out. 1967, Cad. B, p. 3; 7 jul. 1967, Cad. B, p. 3; 11 jul. 1967, Cad. B, p. 2 até 16 out. 1967; 27 jul. 1967, Cad. B, p. 2.

JORNAL DO GAY. São Paulo, n. 2, 1978.

JORNAL DOS SPORTS, Rio de Janeiro, 30 jun. 1977, p. 2; 12 jul. 1977, p. 2; 18 out. 1978, p. 2.

LAMPIÃO DA ESQUINA, Rio de Janeiro, abr. 1978 a maio 1981. Disponível em: <https://bit.ly/444r32v>. Acesso em: 5 fev. 2018.

TRIBUNA DA BAHIA, Salvador, 6 maio 1972, p. 4.

LIMA, Marcus Assis. Breve histórico da imprensa homossexual no Brasil. **Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação**, 2001, p. 2. Disponível em: <https://bit.ly/41G9ILF>. Acesso em: 10 fev. 2018.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade**: Identidade sexual e política no Brasil da “abertura”. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MANCHETE, edição 1328, de 1 out. 1977, seção de cartas, p. 138; edição 1325, de 10 set. 1977, p. 88-93; edição 1737, de 3 ago. 1985, p. 103.



- MARIE, Bianca. As grandes personalidades gay – (1). **Gente Gay**, Rio de Janeiro, n. 3, 15 fev. 1977, p. 15-16.
- MÍCCOLIS, Leila. “Snob”, “Le Femme”. Os bons tempos da imprensa guei. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 28, set. 1980, p. 6-7. Acervo pessoal.
- MÍCCOLIS, Leila. O movimento homossexual brasileiro organizado – esse quase desconhecido. In: MÍCCOLIS, Leila; DANIEL, Herbert. **Jacarés & lobisomens**: dois ensaios sobre a homossexualidade. Rio de Janeiro: Achiamé-socii, 1983. p. 96-110.
- MÍCCOLIS, Leila. **Catálogo de imprensa alternativa**. Rio de Janeiro: RioArte, 1986.
- MISSE, Michel. **Estigma do passivo sexual**. Rio de Janeiro: Achiamé-Socii, 1979.
- MORANDO, Luiz. **Uma proto-história do movimento LGBTQIA em Belo Horizonte (1950-1996)**. Comunicação apresentada ao GT 23, do VII ENCONTRO DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA UFMG, 10 de maio de 2018.
- MORANDO, Luiz. **Facebook**, 20 abr. 2023. Disponível em: <https://bit.ly/3AzkG9I>. Acesso em: 20 abr. 2023.
- MORENO, Fernando. Ping-gay-pong com Frederico [sic] Jorge Dantas. **Gazeta de Notícias**. Tudo Entendido, s/d.
- NOLASCO, Sócrates Álvares. **O Mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- PENTEADO, Darcy. Cultura homossexual: já existe? **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 19, dez. 1979, p. 9. Acervo pessoal.
- MANCHETE**, edição 1328, de 1 out. 1977, seção de cartas, p. 138; edição 1737, de 3 ago. 1985, p. 103.
- RIDENTI, Marcelo. **Em busca do povo brasileiro**: artistas da revolução, do CPC à era da TV. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- RODRIGUES, Jorge Luís Pinto. A imprensa gay do Rio de Janeiro: linguagem verbal e linguagem visual. In: GROSSI, Míriam Pillar et al. (orgs.). **Movimentos sociais, educação e sexualidades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 69-90.
- RODRIGUES, Jorge Luís Pinto. **Impressões de identidade**: histórias e estórias da formação da imprensa gay no Brasil. 2007 Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Niterói. Disponível em: <https://bit.ly/3LAaB2T>. Acesso em: 8 fev. 2018.
- RODRIGUES, Jorge Caê. **Impressões de identidade**: um olhar sobre a imprensa gay no Brasil. Niterói: EduFF, 2010.
- RODRIGUES, José. A batalha pelos direitos gay. **Gente Gay**, Rio de Janeiro, n. 8, 30 jul. 1977, p. 12.
- RODRIGUES, Rita C. C. **De Daniele a Chrysóstomo**: quando travestis, bonecas e ho-mossexuais entram em cena. 2012 Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói. Disponível em: <https://bit.ly/3Lw71qo>.
- RODRIGUES, Rita C. C. Artes de acontecer: viados e travestis na cidade do Rio de Janeiro, do século XIX a 1980. **Esboços**, revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, v. 23, n. 35: 90-116, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/422AWfi>.
- SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SAFFIOTI FILHO, José. São Paulo – os acordes da liberação gay. **Manchete**, Rio de Janeiro, n. 1325, 10 set. 1977, p. 88-93.
- SANDRONI, Cícero. Quatro cantos. Gay power. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 6 nov. 1969, 1º cad., p. 7.
- SILVA, Aguinaldo. **Turno da noite**: memórias de um ex-repórter de polícia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2016.
- SILVA, Aguinaldo. **Meu passado me perdoa**: memórias de uma vida novelesca. São Paulo: Todavia, 2024.
- SILVA, Alessandro Soares. **Acampados no “Carlos Mariguela”**: um estudo sobre a formação da consciência política entre famílias do movimento dos trabalhadores rurais em terra no pontal do Paranapanema/SP. 2002. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://bit.ly/476mok3>.
- SILVA, Alessandro Soares da. **Luta, resistência e cidadania**: uma análise psicopolítica dos movimentos e paradas do orgulho LGBT. Curitiba: Juruá, 2008.
- SILVA, Cláudio Roberto da. **Reinventando o sonho**: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil contemporâneo. 1998. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SILVA, José Fábio Barbosa da. Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (orgs.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Editora Unesp, 2005. p. 41-212.
- SILVA JÚNIOR, Carlos Humberto Ferreira. O Centauro e a protoimprensa gay brasileira: extensão das sociabilidades na década de 1960. Trabalho apresentado no GT5 – Comunicação e lutas por cidadania na disputa de hegemonias, da XVI **Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2022**, de 19-21 out. 2022.
- SOUTO MAIOR, Paulo; Silva, Fábio Ronaldo da (orgs.). **Páginas de transgressão**: a imprensa gay no Brasil. Uberlândia: O Sexo da



Palavra, 2021.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**. v. 1: A árvore da liberdade. Tradução: Denise Bottman. 4. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2004.

TRIBUNA DA BAHIA, Salvador, 6 de maio de 1972, p. 4.

Informações Adicionais

Biografia profissional:

Rita Colaço-Rodrigues (Rita Colaço/Rita Rodrigues) é doutora em História Social pela UFF (2012). Historiadora independente, iniciou suas pesquisas em 1984, retomando em 2004, já na perspectiva acadêmica. Da geração do Movimento Homossexual Brasileiro, é também uma historiadora implicada. Cofundadora e dirigente do Museu Bajubá de história LGBTI+, em 22 de maio de 2025 foi agraciada com a Medalha de Honra ao Mérito 90 anos da Escola de Museologia da UniRio; em novembro do mesmo ano, com a Menção Honrosa, na categoria Estudos Acadêmicos, no Prêmio Arco-Íris de Direitos Humanos – Edição Especial 30 anos da Parada do Orgulho LGBTI+ do Rio de Janeiro.

Agradecimento

Agradeço aos colegas que leram, socializaram fontes e artigos e teceram críticas. Especialmente a Luiz Morando e Remom Bortolozzi, com os quais partilhei os achados, desde os momentos iniciais (Bortolozzi foi a generosa longa manus, oferecendo-se para obter mais exemplares do Aliança de Ativistas Homossexuais junto ao Arquivo Edgard Leuenroth, AEL/Unicamp); Thiago Soliva, Anna Gicelle Garcia Alaniz, Vinícius Ferreira, Benito Schmidt, Joaquín Insausti e Leda Beck. Agradeço, ainda, às pessoas que participaram dos vários minicursos onde os resultados desta pesquisa foram discutidos. O produto final, entretanto, é de minha inteira responsabilidade

Conflito de interesse:

Nenhum conflito de interesse foi declarado.

Aprovação no comitê de ética:

Não se aplica.

Preprint

O artigo não é um preprint.

Disponibilidade de dados de pesquisa e outros materiais

Não se aplica.

Editores responsáveis

Rebeca Gontijo – Editora-chefe

Direitos autorais

Copyright © 2026 Rita de Cassia Colaço-Rodrigues



Histórico de avaliação

Data de submissão: 28/07/2024

Data de modificação: 15/10/2025

Data de aprovação: 06/01/2026

Licença

Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](#).

